

LES0159 2024.1 – Introdução às Ciências Sociais e aos Estudos Rurais

Avaliação (parte 1) – Professor Antônio Ribeiro de Almeida Júnior

Aluno: Pedro Bartolomei Oliveira e Silva **Nº USP:** 12701710 **Turma:** Quinta-feira às 14:00

Primeira questão escolhida: “Em qual contexto histórico emerge a Sociologia? Quais as principais consequências disso?”

No século XVIII, duas grandes movimentações ocorridas na Europa contundiram as relações sociais: a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. A primeira delas foi a responsável por modificar as relações de trabalho, através da substituição do trabalho humano pelo trabalho autômato das máquinas industriais. A segunda, por sua vez, foi a responsável por modificar as relações de poder, em especial através da separação entre a Igreja e o Estado, que ocasionou a substituição de uma monarquia absolutista por uma república democrática.

Essas duas grandes revoluções, além de modificarem as relações sociais supracitadas, também foram um estopim para outros fatos observáveis, a exemplo do êxodo rural causado pela Revolução Industrial, que provocou um aumento drástico na urbanização da Inglaterra e uma consequente precarização das condições de vida daqueles que não eram proprietários dos meios de produção, os chamados proletários. A Revolução Francesa, apesar de ter gerado benefícios, como a universalização dos direitos naturais humanos, também ocasionou diversos conflitos armados com outros países europeus, a exemplo das Guerras Revolucionárias Francesas.

Portanto, é possível dizer que a Sociologia, enquanto ciência observacional, surge no século XIX, em meio à nítida e tangível consolidação social dos resultados dessas duas grandes revoluções mencionadas. Assim, percebe-se que a Sociologia emerge em meio à tentativa de entendimento do comportamento humano num cenário em que diversos problemas sociais podem ser percebidos por aqueles que se colocam “na posição de observadores das cenas de rua” (Bresciani, 1992), a exemplo da fome, da falta de moradia e do excesso de criminalidade.

Aliás, não somente os problemas naturalmente observáveis passaram a ser relatados pelos pensadores da Sociologia, a exemplo do que escreve Friedrich Engels, em sua obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*:

A mera concentração da população nas grandes cidades já exerce uma influência deletéria. A atmosfera de Londres não pode ser tão pura e rica em oxigênio como a de uma região rural; 2,5 milhões de pessoas respirando e 250 mil casas amontoadas

numa área de três ou quatro milhas quadradas consomem uma enorme quantidade de oxigênio que dificilmente se renova, uma vez que a arquitetura citadina não favorece a circulação do ar. O gás carbônico produzido pela respiração e pela combustão permanece nas ruas graças à sua densidade e porque as correntes principais dos ventos passam acima das casas. Os pulmões dos habitantes não recebem a porção adequada de oxigênio e as consequências são a prostração física e intelectual e uma redução da energia vital (Engels, 2010, p. 136).

Ou seja, a Sociologia desponta, nesse contexto, como a ciência capaz de identificar e/ou descrever as relações humanas existentes em uma sociedade, e ainda se torna responsável por denotar as suas respectivas disfunções, sejam elas aparentemente visíveis, como é o caso da fome e da falta de moradia, ou aparentemente invisíveis, como é o caso da distribuição inadequada do oxigênio.

Como consequência desse contexto histórico, há então o surgimento de um novo modo de pensar as sociedades. A partir da substituição da divisão sociopolítica em “Clero, Nobreza e Povo” por uma divisão socioeconômica em burguesia (proprietários dos meios de produção) e proletariado (aqueles cuja única propriedade é a própria força de trabalho), aliada à ascensão das democracias seculares, surge uma nova forma de observar as relações sociais, pautadas na lei do desenvolvimento da história humana e com base nos diferentes métodos de análise sociológicos que foram surgindo no decorrer das décadas, desde Durkheim até os pensadores mais contemporâneos.

Particularmente, gosto de citar um trecho do *Discurso diante do túmulo de Karl Marx*, pronunciado por Engels em 17 de março de 1883, para auxiliar a definir o objetivo do estudo da Sociologia:

Os homens, antes do mais, têm primeiro que comer, beber, abrigar-se e vestir-se, antes de se poderem entregar à política, à ciência, à arte, à religião etc.; de que, portanto, a produção dos meios de vida materiais imediatos (e, com ela, o estágio de desenvolvimento econômico de um povo ou de um período de tempo) forma a base, a partir da qual as instituições do Estado, as visões do Direito, a arte e mesmo as representações religiosas dos homens em questão, se desenvolveram e a partir da qual, portanto, têm também que ser explicadas (Engels, 2011).

Assim, é possível compreender a totalidade de elementos refletidos pela sociedade que a Sociologia deseja abranger em suas observações e, além disso, quais são as enfermidades sociais que essa ciência deve identificar e manifestar, para que possam ser tratadas com o auxílio das demais ciências. Afinal, como escreveu Maria Stella Martins Bresciani em seu livro *Londres e Paris no século XIX*: “Viver numa grande cidade implica o reconhecimento de múltiplos sinais. Trata-se de uma atividade do olhar, de uma identificação visual, de um saber adquirido, portanto” (Bresciani, 1992, p. 16).

Segunda questão escolhida: “O que é exploração do trabalho para Karl Marx?”

No primeiro momento, antes de definir propriamente o que é a exploração do trabalho para Karl Marx, acredito que seja necessário determinar o que é o trabalhador e qual é a sua função assumida diante da economia e das relações de trabalho. Em seus *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx diz que, nos termos da economia, “o trabalhador afunda até um nível de mercadoria, e uma mercadoria das mais deploráveis” (Marx, 2007), porque passa a comercializar a sua força de trabalho em forma de mercadoria.

Além disso, Marx (2007) faz questão de comentar que “a miséria do trabalhador aumenta com o poder e o volume de sua produção”, uma vez que, mesmo que um operário seja capaz de dobrar o seu volume de produção dentro de, por exemplo, um regime de seis horas diárias de trabalho, ele continuará sendo fixamente pago somente pelas seis horas trabalhadas, de maneira desproporcional à quantidade de mercadorias produzidas por ele. E é justamente isso que ele passa a chamar de *mais-valia*.

Exemplificando: se um determinado trabalhador recebe um valor equivalente a cinco sapatos para trabalhar por seis horas em um dia, mas nesse tempo ele é capaz de produzir dez sapatos, esse tempo produtivo excedente é apossado pelos detentores dos meios de produção, e é precisamente dessa posse indevida da produção remanescente que os capitalistas são capazes de obter lucro. Essa relação é o que configura a exploração do trabalho para Karl Marx.

Assim, de acordo com Iora (2020), a remuneração “nunca corresponde ao que o trabalhador realmente produziu, serve apenas para o trabalhador repor-se das mercadorias básicas necessárias para conseguir continuar trabalhando no dia seguinte”, e essa seria, portanto, a base da exploração capitalista, isto é, o mecanismo que faz o dinheiro ser transformado em capital. Isso pode ser explicado através do seguinte trecho da obra *O Capital*:

Portanto, para a transformação do dinheiro em capital, o possuidor de dinheiro tem de encontrar o operário livre no mercado das mercadorias, livre no duplo sentido de que ele, como pessoa livre, dispõe da sua força de trabalho como mercadoria sua e de que, por outro lado, não tem outras mercadorias para vender, está isento e disponível, livre de todas as coisas precisas para a realização da sua força de trabalho (Marx, 2019).

Por isso, Engels (2011) chama a mais-valia de “lei específica do movimento do modo de produção capitalista hodierno e da sociedade burguesa por ele criada” e ressalta a relevância de sua descoberta para as relações de trabalho em uma sociedade. Em resumo, pode-se dizer que, através da revelação do *modus operandi* do sistema capitalista feita por Karl Marx, tornou-se possível a luta contra a exploração do trabalho realizada pelos

burgueses, a exemplo da Revolução Russa de 1917, a qual ocorreu por meio de operários e camponeses exaustos de suas condições insalubres de trabalho. Para finalizar, pode ser lembrado o seguinte poema de Maiakóvski (1992): “Come ananás, mastiga perdiz. Teu dia está prestes, burguês.”

Referências bibliográficas utilizadas para a elaboração das respostas

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX**: o espetáculo da pobreza. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010. 388 p.

ENGELS, Friedrich. **Discurso diante do túmulo de Karl Marx**. 2011. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1883/03/22.htm>. Acesso em 28 mar. 2024.

IORA, Italo Matheus Leporassi. Alienação e exploração do trabalho em Karl Marx: atualidade e contribuições à sociologia contemporânea. **Revista Contraponto**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 188-202, dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/109032>. Acesso em: 27 mar. 2024.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. Come ananás. In: SCHNAIDERMAN, Boris; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Poemas**. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 82.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 2007. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm>. Acesso em: 27 mar. 2024.

MARX, Karl. A transformação do dinheiro em capital: compra e venda da força de trabalho. In: MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 2019. Cap. 4. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap04/03.htm>. Acesso em: 28 mar. 2024.